

Investimento chinês no Brasil triplica em 2021 e país é principal destino de aportes

Em meio a campanha eleitoral, gigante asiático é alvo de críticas de Paulo Guedes e de Lula

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO Com novos projetos e grandes aquisições, principalmente nos setores de energia e tecnologia da informação, o investimento de empresas chinesas no Brasil mais que triplicou em 2021, retornando ao patamar pré-pandemia.

Embora o resultado esteja influenciado pela base fraca de comparação com 2020, os números mostram que o país foi o principal destino do capital chinês no ano passado.

Entre as operações de destaque estão os aportes de recursos feitos pela Tencent em fintechs e startups como Nubank, QuintoAndar e Cora, a aquisição da companhia de transmissão de energia do Rio Grande do Sul pela State Grid e a compra da fábrica da Mercedes-Benz em Iracemópolis (SP) pela Great Wall Motors, além dos investimentos bilionários das gigantes chinesas de petróleo na Baía de Santos.

A presença dos chineses no Brasil ganhou destaque na campanha presidencial. O ministro Paulo Guedes (Economia) afirmou a empresários não querer "a chinesada" entrando aqui quebrando nossas fábricas, nossas indústrias, de jeito nenhum.

O ex-presidente Lula (PT) também manifestou a empresários preocupação com o

avanço do país asiático na fabricação de produtos manufaturados e disse que a China "está ocupando o Brasil", "tomando conta do Brasil".

Relatório do Conselho Empresarial Brasil-China que será divulgado nesta quarta (31) mostra que o investimento do país asiático em território nacional somou US\$ 5,9 bilhões em 2021, valor 208% superior ao de 2020 em termos nominais, ano de queda por causa da pandemia, e o maior em quatro anos — os números não consideram a inflação, que no ano passado foi de 7% nos EUA.

Foram listados 28 projetos, número idêntico ao de 2017, e o segundo maior já registrado na série histórica iniciada em 2010.

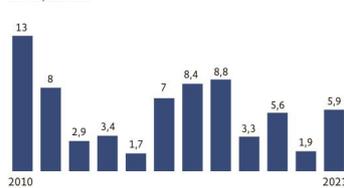
Na América do Sul, desconsiderando o Brasil, os investimentos chineses cresceram 30% em 2021. Em todo o mundo, a alta foi de 3,6%. O Brasil foi o país que mais recebeu investimentos da China no período, com participação de 13,6% do total. Desde 2005, foi o quarto maior receptor (4,8% do total).

Em termos de valores, o setor de petróleo foi predominante, respondendo por 85% do total. Em números de projetos, os destaques foram eletricidade e tecnologia da informação (TI).

Responsável pelo estudo, o diretor de conteúdo e pesquisa do Conselho Empresarial

Investimento chinês no Brasil triplica em 2021

Em US\$ bilhões



Participação dos países no investimento chinês De 2005 a 2021, em % do total



Estoque no Brasil por setor Em % do total



Fonte: Investimentos chineses no Brasil 2021 - Conselho Empresarial Brasil-China

Operações destacadas

• As chinesas CNOOC e CNOOC assinaram com a Petrobras acordo de coparticipação no campo de Búzios, no pré-sal da Baía de Santos

• A Great Wall Motors comprou a fábrica de automóveis da Mercedes-Benz em Iracemópolis (SP)

• A Tencent, o maior conglomerado chinês de tecnologia, que ingressou no Brasil em 2018, realizou aportes no Nubank, QuintoAndar, fintech Cora, Omie e Frete

• A MSA Capital fez três novos aportes no Brasil: no Nubank e nas foodtechs Cayena e Favio

• O grupo chinês Ant Financial, fintech do Alibaba, comprou 5% da Dotz

• A CPFL, subsidiária da State Grid, venceu o leilão de privatização da CEEE-T (companhia de transmissão de energia do Rio Grande do Sul), com lance de R\$ 2,6 bilhões

Fonte: Investimentos chineses no Brasil 2021 - Conselho Empresarial Brasil-China

Brasil-China, Tullio Cariello, afirma que o setor de TI deve se destacar novamente em 2022, junto com a agropecuária, considerando os projetos anunciados até o momento.

A área de tecnologia foi um ponto fora da curva, segundo ele. Foram dez projetos, quase um terço do total, nessa área — praticamente o mesmo número verificado no acumulado de 2007 a 2020 (12 projetos).

Cariello diz que os investimentos chineses no exterior passaram por dois momentos distintos nos últimos anos. O primeiro foi de um crescimento ano a ano até 2016, quando alcançaram US\$ 170 bilhões, seguido por um patamar estável próximo de US\$ 120 bilhões desde então, com investimentos "mais racionais" após exaustões anteriores, na avaliação do especialista.

Em relação às preocupações com o avanço dos investimentos do país asiático no Brasil, Cariello afirma que muitos dos insumos usados pelas indústrias nacionais são de origem chinesa, o que ajuda a baratear esses produtos e melhorar sua competitividade.

Ele também destaca que metade dos negócios registrados em 2021 foi de novos projetos e que as aquisições têm sido acompanhadas por investimentos para modernização do parque industrial e da infraestrutura do Brasil.

O especialista destaca ainda que algumas operações, como a compra da fábrica da Mercedes-Benz, ajudam a salvar empregos no país. "Não acho que a China esteja quebrando o Brasil. O que existe é uma falta de competitividade nacional, que é um fator crônico. É muito visível que esses investimentos chineses contribuem para aquecer a economia", afirma.



O ministro da Economia, Paulo Guedes, que criticou a entrada de capital chinês no Brasil. Adriano Machado - 21.jun.22/Reuters

“ Não acho que a China esteja quebrando o Brasil. O que existe é uma falta de competitividade nacional, que é um fator crônico. É muito visível que esses investimentos chineses contribuem para aquecer a economia”

Tullio Cariello
diretor de conteúdo e pesquisa do Conselho Empresarial Brasil-China

Contas públicas têm superávit de R\$ 19,3 bi em julho, melhor resultado em 11 anos

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA As contas do governo central tiveram um superávit de R\$ 19,3 bilhões no mês de julho, o segundo melhor resultado de toda a série histórica, abaixo apenas de julho de 2011, informou o Tesouro Nacional nesta terça-feira (30).

O resultado positivo demonstra que o governo arrecadou mais do que gastou no mês passado. O dado inclui as contas do Tesouro Nacional, da Previdência e do Banco Central.

No primeiro semestre, o governo já havia registrado um superávit de R\$ 53,6 bilhões. Com o resultado de julho, o resultado das contas ficou ainda mais positivo, alcançando R\$ 73,4 bilhões.

Nessa comparação, o saldo é o melhor para o período desde 2012, já descontados os efeitos da inflação.

A projeção oficial do Ministério da Economia, atualizada em 22 de julho, indica que as

contas do governo central encerrarão o ano com um rombo de R\$ 59,4 bilhões — dos quais R\$ 35,4 bilhões se devem a gastos efetivos do governo, enquanto o restante é provocado por uma operação contábil para encerrar a disputa judicial pelo Campo de Marte.

Embora negativo, o resultado seria bem menor do que o autorizado pela LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias), que permite um déficit de até R\$ 170,5 bilhões.

No entanto, o próprio ministro Paulo Guedes (Economia) e seus auxiliares destacam que o resultado efetivo das contas em 2022 deve ser positivo, graças ao crescimento significativo das receitas. "Estamos com forte possibilidade de ter um superávit do governo central em 2022", disse o secretário do Tesouro Nacional, Paulo Valle, em entrevista coletiva na tarde desta terça-feira. Se confirmado, será a primeira vez desde 2013

que o governo central encerrará o ano com as contas no azul. No ano passado, o setor público consolidado teve um resultado positivo, mas puxado pelo desempenho de estados e municípios.

Em julho, a Receita Federal registrou uma arrecadação de R\$ 171,3 bilhões, o que representa um recorde para o mês. O crescimento real, já descontada a inflação do período, foi de 35,5% em relação a julho do ano passado.

A equipe econômica conta também com ganhos extraordinários, como o pagamento de mais dividendos de estatais. Os dados divulgados pelo Tesouro nesta terça também mostram um avanço significativo na arrecadação total do governo. O desempenho foi ajudado por um recebimento de R\$ 6,9 bilhões em dividendos da Petrobras, além da maior arrecadação de tributos.

A receita total teve um crescimento real de 8,7% em julho

ante igual mês de 2021, enquanto as despesas tiveram uma queda de 17,9%, já descontada a inflação.

No acumulado do ano, a receita total avançou 15,1%, enquanto a despesa caiu 1,9%, sempre em termos reais.

No mês passado, os gastos caíram principalmente por causa de um efeito de comparação, pois em julho de 2021 houve o pagamento de parte do 13º de aposentados e pensionistas do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social). Neste ano, os repasses foram antecipados para abril e maio.

Também houve uma redução de R\$ 3,5 bilhões em termos reais nos gastos com pessoal, devido ao congelamento salarial do funcionalismo. Já a despesa com o Auxílio Brasil cresceu R\$ 6 bilhões, na esteira da ampliação do valor do benefício em comparação ao praticado em julho de 2021.

Valle explicou que o CNJ (Conselho Nacional de Justiça) solicitou o adiamento do pagamento de R\$ 25 bilhões em precatórios (dívidas judiciais da União), de julho para agosto, o que acabou tendo efeito sobre o resultado de julho.

IGP-M passa a cair 0,70% em agosto com alívio de combustíveis

REUTERS

Os preços de combustíveis continuaram fornecendo alívio e o IGP-M (Índice Geral de Preços-Mercado) passou a cair 0,70% em agosto, marcando a primeira taxa negativa desde setembro do ano passado, depois de ter subido 0,21% no mês anterior. O dado divulgado pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) nesta terça-feira (30) ficou abaixo da expectativa em pesquisa da Reuters, de queda de 0,54%.

Com isso, o índice passou a acumular em 12 meses avanço de 8,59%, desacelerando com força ante a taxa de 10,08% em julho e marcando o patamar mais fraco desde junho de 2020 (7,31%).

Segundo o Secovi (Sindicato da Habitação), o aluguel residencial em andamento com aniversário em setembro e correção pelo IGP-M será reajustado em 8,59%, percentual que corresponde à variação acumulada nos 12 meses encerrados em agosto.

Em agosto de 2021, o IGP-M havia subido 0,66% sobre o mês anterior e acumulava alta de 31,2% em 12 meses.

O IPA (Índice de Preços ao Produtor Amplo), que responde por 60% do índice geral e apura a variação dos preços no atacado, caiu 0,71% no mês, depois de ter avançado 0,21% em julho.

Já o IPC (Índice de Preços ao Consumidor), que tem peso de 30% no índice geral, acelerou a queda a 1,88% em agosto, depois de ceder 0,28% no mês anterior.

No atacado, André Braz, coordenador dos índices de preços, destacou as quedas nos preços da gasolina (-8,23%, ante +4,47% em julho) e do diesel (-2,97%, frente a +12,68% no mês anterior) como principais responsáveis pelo arrefecimento da inflação. Para o consumidor, o alívio mais expressivo partiu dos custos de passagens aéreas (-17,32%, contra -5,20%) e etanol (-9,90%, de -9,41%).